



COMPREENDENDO A SEXUALIDADE A PARTIR DE MICHEL FOUCAULT: UMA CONTRIBUIÇÃO A PARTIR DA HERMENÊUTICA

Jeferson Luís Azeredo

Doutor em Filosofia na UNISINOS - Orientador: Dr. Luiz Rohden; Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC; Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior; Bacharelado em Filosofia pela UNIFEBE; Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília - UCB; Participante/estudante do grupo Hermenêutica em Filosofia e Literatura - UNISINOS. E-mail: jeferson@unesc.net

Fernanda Freitas Camilo

Graduanda no curso de Psicologia pelo Centro Universitário Barriga Verde (UNIBAVE). E-mail: camilofernanda7@gmail.com

RESUMO

Buscou-se compreender alguns modelos de discursos sobre sexualidade como formas universais da vida humana. A partir de uma leitura hermenêutica das obras de Michel Foucault, sobretudo em *História da sexualidade I: A vontade de saber* e *A arqueologia do saber* confrontamos tais discursos historicamente produzidos, resultantes de um compulsório saber instituído e arquétipo, sujeitam as pessoas produzindo-as na e a partir deles. Como objetivo geral, desenvolveu-se uma leitura interpretativa que pelo diálogo deixamos aparecer uma compreensão específica, ou seja, um novo olhar sobre os discursos de poder e assujeitamento para um tipo de sexualidade, para irmos além do modelo subjetivado ou ao menos, com um tipo de resistência. Buscamos discursos outros, fora do binarismo dos ditos modos próprios e impróprios em relação à sexualidade e comportamentos. Para o desenvolvimento dessa pesquisa primeiramente, realizou-se uma análise bibliográfica baseada nas obras de Michel Foucault no que se refere a uma metodologia hermenêutica destacando o diálogo como atividade de compreensão.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Filosofia. Corpo.

UNDERSTANDING SEXUALITY FROM MICHEL FOUCAULT: A CONTRIBUTION FROM HERMENEUTICS

ABSTRACT

Wanted to understand some models of discourses on sexuality as universal forms of human life. From a hermeneutic reading of Michel Foucault's works, especially in *History of sexuality I: The will to know* and *the archeology of the saber* confronting such historically obligated discourses, forced to produce instituted and archetypal saber, subject people and from them. As a general objective, an interpretive reading is an intellectual interpretation that, through dialogue, allows a specific understanding to emerge, that is, a new look at the discourses of power and subjection to a type of sexuality, to go beyond the subjectified model or at least, with a type of resistance. We look for other discourses, out of the binarism of the so-called proper ways and desires in relation to sexuality and behavior. For the development of this previous research, a bibliographical analysis was carried out based on the works of Michel Foucault regarding a hermeneutic methodology highlighting dialogue as an activity of understanding.

KEYWORDS: Sexuality. Philosophy. Body.

1 INTRODUÇÃO

Os espaços de debate sobre sexualidade, corpo, gênero, etc. sempre foram abundantes nas universidades e na mídia nos últimos anos no Brasil, especialmente quando diversos direitos foram acionados no judiciário, mas, no contexto atual, sobretudo pelo advento das redes sociais, houve ainda mais espaços de fala, de lutas, de discussão ou ainda de algum tipo de militância. Assim, partimos dessa percepção, de que a conexão tecnológica e informatizada entre as pessoas, as fizeram ampliar progressivamente os canais sobre estes temas, de modo mais zigomático e, portanto, com maior exigência de compreensão.

Indo ao encontro dessas discussões citadas, em junho de 2010, na Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, ocorreu um debate com o título Seminário Michel Foucault: corpo, sexualidade e direito, em que podemos de modo geral, resumir que se trata a sexualidade humana como um fenômeno que aparece na sociedade como um sendo um tipo específico de modo-de-ser, ligada ao sujeito mas este em relação às condições arquetípicas do seu tempo ou seja, sujeitos sempre atrelados ao resultado de determinados discursos que os constituem, atrelados a um saber-poder instituído.

Dessa leitura, fomos instigados a algumas investigações que nos levaram a outras

obras de Michel Foucault, para que pudéssemos compreender os conteúdos de alguns desses discursos que engendram a sexualidade na história como um discurso de poder, ou seja, buscamos pela filosofia e arqueologia-do-saber foucaultianas responder a seguinte questão: como a sexualidade aparece pelo estabelecimento de tecnologias e dispositivos organizados como responsáveis pela formação e revelação de um tipo de “poder-ser”?

Entendemos sobretudo que, compreender os discursos são modos particulares do saber sobre o corpo que o assujeita, o modelam e carecem ser revisitados como exercício de resistência e garantia da autenticidade que podemos estabelecer a nós mesmos; trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica que pretende colocar em evidência e contrapor discursos de normalidade e suas justificativas e modos variados de ser.

Assim, a partir do Seminário Michel Foucault: corpo, sexualidade e direito e obras do Michel Foucault, buscamos compreender como corpo e a sexualidade se tornam fenômenos abertos possíveis de deixar aparecer os indivíduos em suas condições mais próprias. E para isso e a partir das redes tecnológicas sociais surgidas na modernidade como um profícuo debate multidisciplinar entre pesquisadores de todo o mundo, no qual podem explorar as intersecções entre corpo e sexualidade pelos diversos grupos que buscam compreender o tipo exercido dos modos de discurso sobre o corpo e à sexualidade, buscamos uma compreensão que supõem ser uma forma de superação e resistência contra toda essa subjetivação apontada.

Nossa compreensão se estabeleceu pela hermenêutica filosófica, no que tange ao diálogo como método, e que foi utilizado por nós aqui para que ao discorrermos sobre a sexualidade a partir de Michel Foucault, busquemos compreender o que fica evidenciado é o que fica fora do alcance do entendimento; o que exige um olhar mais apurado ou o que nos conduz a um deixar aparecer mais evidente, justamente pela relação que estabelecemos e até mesmo pelo conjunto de perguntas engendradas aqui no trabalho, do saber ouvir e da compreensão como interpretação.

Para a realização deste estudo, delimitou-se como objetivo geral, desenvolver a partir da hermenêutica filosófica, um olhar sobre os discursos de sexualidade e a sua efetivação e disposição à constituição de sujeitos. E como objetivo específico investigar o contraste entre os modos próprios e impróprios que as pessoas têm com relação à sexualidade e seus comportamentos.

2 PARA ALÉM DE UM MODELO

Fixamos nosso diálogo com Michel Foucault, que é certamente um dos expoentes mais conhecidos na discussão da sexualidade, compreendida como parte intrínseca da vida humana, pois assim como ele a entendeu, nós aqui convergimos, sexualidade como um fenômeno sempre ligado ao corpo e que se dá como uma espécie de “lugar” um “espaço aberto”, em que diversas manifestações podem aparecer no fluxo do tempo, todas elas indicando que a vida se movimenta e se cria constantemente, e assim nos permite pensar que esta perspectiva de sexualidade se dá também como disposição às inúmeras diferenças que comportamos, ou seja, a sexualidade como uma expressão de uma vida como diferença e a partir do sujeito que somos enquanto indivíduo-único.

O desdobramento mais direto desta linha é o acolhimento desse movimento fundante e confirmador das individualidades e do coletivo pela diferença. Quando compreendemos que cada um é portador de um desejo, e este é manifestado diferentemente, também compreendemos que o ato de acolher pode fundar um modelo de sociedade. Mas há limites para essas individualidades aparecerem? Podemos identificar algum dito “exagero da sexualidade” que repercute negativamente na vida em sociedade?

São questões que precisam ser minimamente respondidas, mas que antes, ainda, é preciso acomodar o que compreendemos sobre o conceito de sexualidade a partir de Foucault. Assumindo aqui a premissa maior, de uma sexualidade diversificada quanto a sua manifestação e necessariamente, recusamos as leituras que exercem uma compreensão da sexualidade como exclusiva normalização ou integração condescendente, que para nós, além de provocar exclusões sociais, gera erros irreparáveis à vida dos sujeitos envolvidos e submetidos a tais leituras. O que queremos ao encontro dos pensamentos foucaultianos é apresentar uma compreensão da sexualidade como natureza aberta e acolhedora da diferença, naturalizando a diversidade como base da vida humana.

O grande pilar erigido por Foucault quanto à sexualidade foi a partir do discurso que se dá como um saber e se confere como poder. Poder que silencia o que diverge, e que reprime a diversidade quando necessário. Utilizando a máscara do poder, a sociedade tornou-se uma grande impressora da vida sexual, acreditando e pregando um “normal”, baseados na família cristã, heterossexual e monogâmica (FOUCAULT, 2015), indo ao encontro de um discurso que se apresenta como única verdade e com única premissa válida, como por exemplo os modelos pautados na biologia ou na lógica reprodutivista, ou ainda, nas analogias com a natureza recortado, calculando como as ciências da natureza a nossa humanidade.

Ainda de acordo com Foucault (2015), a repressão que se estabelecia nesse caso, baseada nesses modelos, eram sobretudo pelos princípios tradicionais religiosos, o que se desdobrava quase sempre como um discurso de ódio e se camuflava no regimento do pecado e da imoralidade. O sexo, um dos modos da sexualidade aparecer, passava a ser um assunto envolto de tabus e mistérios, o que trazia à tona ainda mais, uma vontade de saber e a curiosidade das pessoas pelo assunto, o que era barrado pelas condições de moralidade e reta conduta.

O que nos apresenta o contrapoder desse outro discurso? A abertura para outros modos de ser e pensar podem dispersar o que entendemos como sociedade?

Essas duas questões não serão diretamente aqui respondidas, mas, precisam estar presentes quando pensamos na sexualidade, pois mesmo sendo a expressão da vida mais singularizada, não há vida que viva isoladamente, não somos ilhas como dizia John Donne¹, entretanto, sempre produzimos aquilo que nomeamos, e quando nomeado repetidamente e insistentemente funda uma norma regulatória (BUTLER, 2010).

Compreender a sexualidade em algum momento nos obriga a relacionar com as questões sociais. Aqui, apresentaremos apenas o pensamento sobre sexualidade que se dá como diferença, para além dos discursos verticais e monológicos, se dá como acolhimento do que ficou “de fora” dos discursos regulatórios, e assim, cria-se resistência, e provoca-se para uma militância antifascista, em suma. A conquista final, se resume em dar voz e vez (ou seja, vida) a todos os ditos “dessexualizados”, assim como fizeram na nossa história recente, outros movimentos, que também buscaram resgatar a vida por outras instâncias dizimadas: machismo, racismo, etnocentrismo etc. O primeiro movimento do pensamento que estabelecemos aqui, a partir de Foucault, é re-pensar a maneira como se estabelece a relação entre sexo e gênero, ligando-os naturalmente.

Ligar um estado biológico, marcado por peculiaridades (que também variam) a designação de comportamento é presumir (literalmente por antecedência) o que deseja cada um. Esta lógica, conhecida como heteronormatividade, nesta específica questão, concebe ordinariamente que o corpo, quando nascido já identificado macho e fêmea, sucederá como gênero masculino e feminino e conseqüentemente manifestará desejo pelo seu oposto. De acordo com Foucault (1984), “as transformações ocorridas durante o século XVIII e XIX construíram um novo discurso sobre o sexo e, sobre os indivíduos, dissecando e especificando práticas, desvios, doenças e seus sujeitos” (p. 43).

O que escapa dessa binaridade que é constantemente alicerçada pela base da “maioria”,

¹ Poeta inglês, John Donne nasceu em 22 de janeiro de 1572 e faleceu em 31 de março de 1631, a frase citada foi escrita em sua célebre obra *Meditações VII*.

não suporta ou nem faz questão de suportar a diversidade dos gêneros e de suas sexualidades. O processo desse “insuportável discurso” é a estigmatização de um pathos, atribuição de um diagnóstico: doença, um desvio que precisa ser corrigido.

Segundo Foucault (1996, p. 41):

A medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada das práticas sexuais 'incompletas'; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao 'desenvolvimento' e às 'perturbações' do instinto; empreendeu a gestão de todos eles.

A desconstrução das identidades sexuais e das verdades impostas pela heteronormatividade ganha destaque aqui, após análise das transformações estratégicas da política sexual contemporânea e as tensões, particularmente no Brasil, entre a agenda dos movimentos LGBTQIA+², da academia e do Estado, desafiando pensar as práticas estabelecidas para o sexo.

A transformação do corpo, do gênero e da expressão estética desejada por alguns grupos em suas insistentes peripécias contra o poder precisam ser constantemente ressignificadas e recartografadas para que possamos contrapor o modo estilístico assegurado em suas vivências cotidianas e as possibilidades criativas e de felicidade experimentadas, frente às injunções “normalizantes” e punitivas que negam o direito às diferenças, e interferem na qualidade de vida e saúde, para que ousam viver um corpo em desacordo com o binarismo de gênero estabelecido socialmente.

A partir da busca para compreender como a sexualidade é descrita pela tradição hermenêutica filosófica, trouxemos aqui não somente o olhar sobre a realidade, mas sobre os discursos produzidos acerca dela, e operar uma desconstrução e ressignificação dos conceitos utilizados para a descrever. É de suma relevância explicar assuntos que envolvam a sexualidade na contemporaneidade, pois a sexualidade ainda envolve muitos tabus, a obra de Foucault nos possibilita alinhar os subsídios metodológicos e teóricos para analisar as práticas sociais, os discursos e as relações de poder na contemporaneidade, em campos epistemológicos diversificados. A arqueologia dos saberes se baseia em uma análise dos envolvidos por tabu.

⁴ Conferir em: <https://sitelgbt.org>.

3 SEXUALIDADE COMO DISCURSO DE VERDADE

Atualmente com o advento da era digital cogita-se que há uma relação existente entre as redes sociais e a sociedade de cansaço, na qual o indivíduo contemporâneo forja sua própria existência através de aplicativos de entretenimento nas redes sociais para não lidar com o seu eu, com seus conflitos internos, externos e existenciais, tornando a sua existência inautêntica. Os usuários correm riscos de perde-se nesse processo digitalizado, porque permanecem muito tempo conectados e afastam-se gradativamente de suas relações interpessoais, além do mais, buscam instantaneamente aceitação e aprovações que são advindas de comentários e curtidas providas dos outros internautas e, que na maioria das vezes, o próprio indivíduo não os conhecem. Os cibernautas permanecem mais tempo conectados quando há um maior momento de “tédio” e publicam aquilo que acreditam que terá maior aceitação por parte de seus seguidores.

Ao longo dos anos a sexualidade sempre foi pauta de discussões carregadas de tabus, repressão, estigmas e regras seguidas pela sociedade. Foucault traz em suas obras sobre a era Vitoriana, no século XVII, em que a burguesia tratava sexualidade como um algo exclusivamente heteronormativo e para fins reprodutivos. A repressão que envolve a sexualidade, segundo Foucault (1988) está ligada diretamente ao poder e ao saber, pois até os dias de hoje, ainda ouvimos discursos de ódio, intolerância e preconceitos, mascarados de verdade absoluta.

O campo da ciência médica também produziu discursos sobre o sexo e sexualidade durante a história, em 1870, a homossexualidade torna-se uma categoria psicológica, psiquiátrica e médica, sendo considerado uma doença por ser um “comportamento e desejo sexual contrário” (FOUCAULT, 1988). A monogamia heterossexual concebe-se como um padrão de normatividade. Os discursos ocidentais a respeito da sexualidade, intitula-se como verdade sobre o assunto. Instaura-se uma opressão do sexo e de práticas que são consideradas desviantes da norma. A Classificação Internacional de Doenças (CID), em 1948 adicionou o “homossexualismo” a sua lista de patologias, sendo considerado um desvio sexual (WHO, 1948). Somente em 1990 o “homossexualismo” foi retirado da CID.

As ciências da saúde têm interesse em descobrir cada desvio ou perversão que há nas sexualidades, pois assim, facilita-se o controle dos corpos, e a imposição de discursos. Foucault (1988, p. 66) acrescenta que:

A verdade não está unicamente no sujeito, que a revelaria pronta e acabada ao confessá-la. Ela se constitui em dupla tarefa: presente, porém incompleta e cega em relação a si própria, naquele que fala, só podendo completar-se naquele que a recolhe. A este incumbe a tarefa de dizer a verdade dessa obscura verdade: é preciso duplicar a revelação da confissão pela decifração daquilo que ela diz. Aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade. Sua função é hermenêutica. Seu poder em relação à confissão não consiste somente em exigí-la, antes dela ser feita, ou em decidir após ter sido proferida, porém em constituir através dela e de sua decifração, um discurso de verdade.

Lidar com a diversidade não é algo que a sociedade deseja, pois se um corpo não atende aos padrões biológicos estabelecidos pelo poder do conhecimento médico, ele “precisa ser reparado”. O necessário uma reparação de conceitos, e uma ampliação da visão sobre o sexo e a sexualidade, que seja capaz de englobar todos aqueles que ainda são estigmatizados pela sociedade.

4 TECNOLOGIAS E DISPOSITIVOS QUE MODELAM O CORPO NA MODERNIDADE

Ao longo dessa discussão procuramos evidenciar nesta pesquisa a importância de auto perceber-se no processo filosófico de Han, partindo do pressuposto que entramos num novo modelo de análise da sociedade e que, no qual estamos imbuídos e faz-se necessário sensibilizar-se diante do uso das redes sociais, pois, observou-se que a sociedade do cansaço e o existencialismo da digitalização nas redes sociais atinge uma grande parcela da sociedade e que ainda, desconhecem as raízes de certos cansaços neuronais patológicos.

O corpo humano é objetificado de diversas formas, e a partir dele a sociedade estabelece controle sobre os indivíduos, quando nos referimos a ele, engloba-se imaginário, subjetividade e expressão. O corpo é vasto de subjetividade, porém ele foi marginalizado a sexualização, beleza, prazer e a binariedade, tornando-o um objeto, onde listamos como desejáveis ou não (REZENDE, 2004).

Deleuze (1989) traz o conceito de dispositivo, como um emaranhado de linhas diferentes que não delimitam sistemas homogêneos e nem definem objetos, sujeitos e linguagens. Entretanto, essas linhas seguem direções, e acabam por vez se aproximando ou se afastando umas das outras, e muitas vezes se quebram ao se chocarem, submetendo-se a mudanças, geradas desse encontro. Nessa composição de emaranhados que tecem o “corpo-dispositivo” evidenciamos três blocos de linhas, chamados linhas duras, linhas flexíveis e

linhas de fuga. Estas estão presentes na composição dos sujeitos, dos indivíduos, dos grupos, enfim, da sociedade, ressignificando valores, e discursos presentes no contexto sócio-histórico e cultural em que se processam os modos de subjetivação.

Os discursos sobre masculinidades e de feminilidades materializados nos corpos variam ao longo dos tempos, tendo em alguns momentos uma rigidez sobre o que é ser homem e/ou mulher, e em outros, uma flexibilidade maior que permite às pessoas expressar seus gêneros de modo mais respeitoso pelas pessoas de seu entorno.

Judith Butler (2010, p. 37) afirma que, “O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades”.

De acordo com os estudos de Foucault (1988) e Nardi (2007), em nossa sociedade, o dispositivo de sexualidade funciona como um organizador da vida social e criador da subjetividade humana. A burguesia do século XVIII, colocou o sexo diante dos holofotes, e formulou verdades a respeito.

[...] Como se tivesse necessidade dessa produção de verdade. Como se lhe fosse essencial que o sexo se inscrevesse não somente numa economia do prazer, mas, também, num regime ordenado de saber (FOUCAULT, 1988, p. 68).

A relação entre o poder e o saber que surge a partir do século XVIII, irá influenciar tudo que se diz respeito ao sexo, o reduzindo a uma binariedade, ou seja, criando “leis” do que é lícito e ilícito, permitido e proibido (FOUCAULT, 1988), uma normatização da vida.

Ao retornarmos a ideia de dispositivo proposto por Deleuze (1989) que o toma como um emaranhado de linhas, logo uma complexidade, de modo a tomar o gênero como um dispositivo (lineamentos) do poder e que se incide sobre as relações humanas, estabelecendo as expressões normativas autorizadas para as expressões de masculinidades e de feminilidades. Através desse dispositivo seriam demarcados os espaços de circulação autorizados para os gêneros (espaços exclusivos para homens; para mulheres; espaços LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e intersexuais; espaços de meretrício; espaços religiosos, etc.), assim como, de sua temporalidade existencial enquanto expressão e modos de ser e de viver.

5 DESCONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SEXUAIS E DAS VERDADES IMPOSTAS PELA HETERONORMATIVIDADE

Ao longo dessa discussão procuramos evidenciar nesta pesquisa a importância de auto perceber-se no processo filosófico de Han, partindo do pressuposto que entramos num novo modelo de análise da sociedade e que, no qual estamos imbuídos e faz-se necessário sensibilizar-se diante do uso das redes sociais, pois, observou-se que a sociedade do cansaço e o existencialismo da digitalização nas redes sociais atinge uma grande parcela da sociedade e que ainda, desconhecem as raízes de certos cansaços neuronais patológicos.

Vivemos em uma sociedade heteronormativa, onde as pessoas devem se adequarem-se aos padrões já existentes, abdicando de seu gênero, cor e até mesmo de suas raízes culturais para “serem aceitos” socialmente. De acordo com os estudos de Barbosa (2006), muitas vezes é negado praticamente o status de membros da sociedade para esses grupos.

Em recentes pesquisas realizadas no Brasil, a respeito da homofobia no ambiente organizacional. Para a realização da pesquisa, inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica em periódicos internacionais, sobre identidade e a cultura gay, a fim de compreender toda a problemática relacionada à discriminação e a homofobia no ambiente de trabalho em função da orientação sexual (FERREIRA; SIQUEIRA; ZAULI-FELLOWS, 2006).

Os estudos de Ferreira e Siqueira (2007) tiveram o objetivo de verificar como é ser gay nas organizações contemporâneas. A discriminação sofrida devido a sexualidade, é uma consequência, pois alimentamos conceitos baseados nas religiões, nas tradições conservadoras, e até mesmo em estudos mais antigos ditos como científicos, onde a homossexualidade foi definida como uma patologia e até mesmo como uma perversão. Sendo assim, podemos analisar que ideia de homossexualidade, refere-se a um termo irreal, pois foi algo socialmente construído, é fruto de um discurso. Para Foucault (2002) existe uma relação entre poder e saber, ou seja, constrói-se um discurso, além de ser validado pelas relações de poder.

Segundo Pino (2007), a sociedade nos obriga a ter relações amorosas e sexuais seguindo a heterossexualidade. Como uma forma de estabelecer o binarismo de gênero como algo correto a ser seguido, nos colocando em caixas e determinando nossos desejos, tendo como modelo o casal heterossexual, em que o maior (e talvez exclusivo) objetivo é a reprodução.

Mas afinal, qual o propósito de nos classificar, colocar em nichos específicos sobre o que somos e o que queremos? Para Foucault (2004), a classificação está relacionada ao poder, a ideia de criar uma espécie de identidade coletiva, onde há apenas dois grupos, masculino e feminino, e somos coagidos até nos encaixar nesses grupos. Assim, tanto homossexuais quanto os heterossexuais passam a ser definidos por meio de características ditas universais,

descartando qualquer pressuposto de subjetividade, personalidade, e tudo que nos torna únicos. Seguindo essa lógica por exemplo, todos os nascidos do sexo masculino, devem ter comportamentos como tal, tendo sua masculinidade exaltada, assim como os nascidos do sexo feminino, devem ser delicadas e cuidadosas, exibindo sua feminilidade.

Ainda pontuando os estudos de Foucault (2004), esse tipo de classificação é uma relação de poder que gera a exclusão. Afinal, toda relação de poder é um mecanismo de exclusão. Sendo assim, a classificação é um dispositivo de poder, que produz uma hierarquia social, onde o heterossexual é visto como superior e o homossexual como inferior.

A heteronormatividade não está presente apenas em pessoas culturalmente classificadas como heterossexuais, mas também é uma norma socialmente construída pelas relações de poder que também está presente naqueles que, a princípio, estariam subvertendo os padrões heterossexuais de comportamento

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa discussão procuramos evidenciar nesta pesquisa a importância de auto perceber-se no processo filosófico de Han, partindo do pressuposto que entramos num novo modelo de análise da sociedade e que, no qual estamos imbuídos e faz-se necessário sensibilizar-se diante do uso das redes sociais, pois, observou-se que a sociedade do cansaço e o existencialismo da digitalização nas redes sociais atinge uma grande parcela da sociedade e que ainda, desconhecem as raízes de certos cansaços neuronais patológicos.

A proposta de Foucault a respeito da sexualidade, discorre sobre uma cultura ocidental, estabelecida pelo saber médico, onde busca a classificação dos corpos, a fim de definir e padronizar o desejo e a sexualidade. Como mencionado neste trabalho, compreender a sexualidade, nos obriga a relacionar à questões sociais, pois apesar de sermos sujeitos únicos e subjetivos, somos “sutilmente” direcionados a nos comportar como um grupo homogêneo, seguindo um padrão heteronormativo e monogâmico, naturalizando a binariedade, nos dividindo em pares, meninos e meninas ou homens e mulheres.

Como ressalta Pino (2007), em seus estudos sobre a relação da sexualidade e as imposições sociais, desde a infância o sexo biológico é reforçado, seja pelas cores, brinquedos, até nas falas e atitudes, crescemos aprendendo o que são coisas de meninas e de meninos, e assim vamos nos adequando a essas regras.

Foucault (1984) teve uma preocupação em analisar e abordar a sexualidade pelo viés do

discurso científico, ele discute a sexualidade através de um olhar diferenciado. trazendo aspectos do passado à respeito do comportamento social, como a sexualidade foi regulamentada, para compreender o presente e o modo como nos comportamos.

O que nos leva a nos comportamos dessa forma? Por que ainda tratamos a sexualidade e a liberdade sexual como tabus? O que nos conduz a permear ideias passadas? Porque o preconceito, a homofobia, ainda fazem parte de nossas vidas? A sexualidade humana ainda não está livre das regulamentações sociais, da objetificação e do poder dos discursos. Por isso, precisamos refletir, enquanto sujeitos e donos de nossos corpos, nossas vontades e prazeres, sobre os mecanismos que geram valores e atitudes em relação à sexualidade, pautados na singularidade, e na liberdade dos corpos, para assim, desconstruirmos os tais “discursos de verdade”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, L. *O Consumo Nas Ciências Sociais*. In: BARBOSA, L.; CAMPELL, C. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão de Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DELEUZE, G. *O Que É Um Dispositivo?* Tradução de Ruy de Souza Dias e Helio Rebello (revisão técnica), 2001. (não publicado). Do original: Qu'est-ce qu'un dispositif? In: Michel Foucault philosophe. *Rencontre internationale*. Paris 9, jan. 1988.

FERREIRA, R. C.; SIQUEIRA, M. V. S. *O Gay No Ambiente De Trabalho: Análise Dos Efeitos De Ser Gay Nas Organizações Contemporâneas*. In: ENANPAD. Rio de Janeiro. 2007.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 4. ed. Rio de Janeiro, Graal. 1984.

_____. *História da sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p.68.

_____. *A arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

NARDI, H. C. *Nas Tramas Do Humano: Quando a Sexualidade Interditada o Trabalho*. In: POCAHY, F. *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação*. Porto Alegre: Nuances, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/2393403/Rompendo_o_sil%C3%A2ncio_homofobia_e_heterossexismo> Acesso em: 15 de abril 2021.

PINO, N. P. *A Teoria Queer e os Intersex: Experiências Invisíveis de Corpos Des-Feitos*. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 28, p. 149–174, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644800>. Acesso em: 5 abril. 2021.

POCAHY, F. *Rompendo o Silêncio: Homofobia e Heterossexismo na Sociedade Contemporânea. Políticas, teoria e atuação*. Porto Alegre:

Nuances, 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/2393403/Rompendo_o_sil%C3%A2ncio_homofobia_e_heterossexismo> Acesso em: 15 de abril 2021.

REZENDE, R. *A Tecnologia e a Invenção do Corpo Contemporâneo*. Trabalho apresentado ao NP 08–Tecnologias da Informação e da

Comunicação. In: *IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*, Porto Alegre, 2004.

SIQUEIRA, M. V. S.; ZAULI-FELLOWS, A. *Diversidade e Identidade Gay nas Organizações*. In: *Gestão.org*. Recife, v. 4, n. 3, p. 70-81, 2006.

AZEREDO, J. L., CAMILO, F. F., *Compreendendo a Sexualidade a Partir de Michel Foucault: Uma Contribuição a Partir da Hermenêutica*. **Complexitas - Rev. Fil. Tem.** Belém, v. 6, n. 1, p. 35-47, jan./dec. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/10707>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.
